

O inquietante freudiano em “A Amiga Genial”, de Elena Ferrante

Ailla Rakel Viegas Gonçalves*
Andrea Teresa Martins Lobato**

Resumo

A *Amiga Genial* (2015) é o primeiro romance da tetralogia napolitana, série de romances contemporâneos escritos por Elena Ferrante, autora italiana que conquistou a crítica internacional. Este artigo pretende analisar as implicações da multiplicidade e fragmentação da identidade como retratado em *A Amiga Genial* (2015), de Elena Ferrante, a partir da teoria e do conceito de “inquietante” proposto por Freud (1919). Também usamos da literatura de Agamben (2009) e Gagnebin (2014). Usamos da teoria do psicanalista Freud para conduzir um olhar diferente sobre a amizade complexa e convoluta entre Lenu e Lila, amizade esta que é a base do romance de Ferrante.

Palavras-chave: Inquietante; Freud; A amiga genial.

* Licenciada em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão. Mestranda em Letras (UEMA), na área de concentração de Teoria Literária, atuando na linha de pesquisa Literatura e Subjetividade. É, desde 2015, membro-integrante do Diretório de Pesquisa “Literatura, Linguagem e Psicanálise” (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6223919249551659), além de ter sido bolsista BIC/FAPEMA (2015-2018), desenvolvendo pesquisa na área de Literatura e Subjetividade, analisando a escrita de si e o jogo narrativo de Simone de Beauvoir. E-mail: aillaviegas@gmail.com

** Possui Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (1993). É Professora Adjunto III da Universidade Estadual do Maranhão e Professora da Universidade CEUMA. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, área de Concentração Teoria Literária. Tem experiência na área de Letras e Comunicação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, crítica e escrita. Membro/Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Linguagem e Psicanálise/Universidade Estadual do Maranhão, atuando nas linhas de pesquisa Narrativa, Linguagem e Subjetividade e Teorias Contemporâneas da Literatura. Membro/Líder do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Social / Universidade CEUMA, atuando na linha de pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais. E-mail: apulusv13@gmail.com

Introdução

O que há em identidade pessoal que a torna um tema literário tão atraente? Por que os leitores ficam absortos em romances *coming-of-age* (transição da infância para a adolescência) que apresentam protagonistas jovens e mutáveis? Poderíamos especular que, sendo a identidade pessoal repleta de complexidade para cada um de nós na vida real, os leitores evitariam se espelhar na busca de si mesmo em algum personagem fictício. Em vez disso, os romances que exploram essa questão central de uma identidade fluida parecem consistentemente ressoar e envolver os leitores.

Ao focar essa faceta única da literatura, pode-se explorar questões inquietantes e profundas que problematizam a individualidade e a integridade da identidade literária. Esses tipos de romances absorvem nossa atenção, mas também nos deixam desconfortáveis enquanto lemos, o que nos leva a questionar como podemos ser simultaneamente atraídos e repelidos pela ficção que parece tão real. Dessa maneira, essas questões nos levam diretamente a Freud que explorou o conceito do inquietante como relacionado à literatura e à visão. Assim, este artigo pretende analisar brevemente as implicações da multiplicidade e fragmentação da identidade retratadas em *A Amiga Genial* (2015), de Elena Ferrante, a partir da teoria e do conceito de “inquietante” de Freud (1919).

Usamos da teoria do pai da psicanálise para conduzir um olhar diferente sobre a amizade complexa e mistificadora que é a base do romance de Ferrante.

O texto de Elena Ferrante remete-nos à teoria freudiana para problematizar o conceito de uma identidade pessoal fixa e identificável em circunstâncias sociais restritivas. Por sua vez, esse cenário literário obriga os leitores a enfrentar seus medos e ansiedades inatos em relação ao conceito de identidade que deriva de pensamentos e emoções paradoxais que as protagonistas do romance podem despertar.

O Inquietante de Freud

De acordo com a palestra realizada por Freud em 1919, “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010 [1919], p. 331). Em outras palavras, um indivíduo experimenta emoções conflitantes em relação a objetos, pessoas e situações no mundo que evocam a “inquietude”. A natureza paradoxal desse conceito provoca dissonância cognitiva e sofrimento mental no sujeito em experiência.

Freud especifica que esse processo não ocorre em resposta a qualquer objeto comum, mas tipicamente a uma ideia ou entidade que lembra o indivíduo de algo que foi experimentado durante a infância. Assim, conclui Freud que as ocorrências de sensações inquietantes são causa-

das por situações em que os elementos psíquicos reprimidos são retornados e, assim, quando o reprimido se torna não secreto, tem a aparência de algo assustadoramente inquietante e desconhecido. Na psicanálise, acredita-se que a maioria das experiências traumáticas e formativas ocorrem durante a infância, e então se repetem ao longo da vida. Sempre que um evento "se repete", nunca é reproduzido exatamente da mesma maneira, mas sempre com alguma diferença. Como resultado, experiências reprimidas desde a infância tornam-se associadas a novas experiências. Através dessa repetição-com-diferença, o novo evoca o antigo e vice-versa, fazendo com que o indivíduo mantenha sentimentos conflitantes e simultâneos de medo e familiaridade.

Uma característica importante é notada por Freud através do exame dos temas literários em E. T. A. Hoffman, a quem o psicanalista se refere como "o inigualável mestre do inquietante na literatura" (p. 350) é a proeminência do tema do "duplo":

[...] "sósia" ou "duplo", em todas as suas gradações e desenvolvimentos; isto é, o surgimento de pessoas que, pela aparência igual, devem ser consideradas idênticas, a intensificação desse vínculo pela passagem imediata de processos psíquicos de uma para a outra pessoa – o que chamaríamos de telepatia –, de modo que uma possui também o saber, os sentimentos e as vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu – e, enfim, o constante retorno do mesmo [...]. (FREUD, 2010, p. 351)

Essa imagem do duplo é bastante específica e evoca a ideia de gêmeos ou duas pessoas que são física e mentalmente iguais. O romance de Elena Ferrante emprega o "duplo" de uma maneira menos literal, exemplificando a "identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu", abordando a história de duas melhores amigas, cada uma cuja identidade fica enredada na da outra. Freud finalmente descarta a noção de que cada instância do duplo é necessariamente a marca do inquietante. Mais precisamente, ele indica que o duplo remonta ao estágio mental inicial do narcisismo primário, afirmando que:

A ideia do duplo não desaparece necessariamente com esse narcisismo inicial, pois pode adquirir novo teor dos estágios de desenvolvimento posteriores da libido. No Eu forma-se lentamente uma instância especial, que pode contrapor-se ao resto do Eu, que serve à auto-observação e à autocrítica, que faz o trabalho da censura psíquica e torna-se familiar à nossa consciência [*Bewußtsein*] como "consciência" [*Gewissen*] [...]. (FREUD, 2010, p. 352)

Ao final de sua palestra, Freud identifica duas descobertas importantes para esclarecer sua definição do inquietante. Em primeiro lugar, o psicanalista alinha este conceito com a teoria psicanalítica estabelecida, afirmando, assim, em segunda colocação, que o inquietante é uma experiência de sentimento ou emoção que causa uma tensão assustadora.

[...] se a teoria psicanalítica está correta ao dizer que todo afeto de um impulso emocional, não importando sua espécie, é transformado em angústia pela repressão, tem de haver um grupo, entre os casos angustiantes, em que se pode mostrar que o elemento angustiante é algo reprimido que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o inquietante, e nisso não deve importar se originalmente era ele próprio angustiante ou carregado de outro afeto. [...] Se tal for realmente a natureza secreta do inquietante [...] não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela [...] (p. 360)

A ligação entre o que foi reprimido e o que está sendo experimentado como inquietante é inteiramente psicológica e afetiva, resumida em uma palavra como "angústia". Essa angústia perpétua é uma característica fundamental que as protagonistas do romance de Ferrante experimentam. Freud ainda enfatiza que o inquietante não se aplica exclusivamente a objetos, experiências ou sentimentos, pois "uma pessoa viva é inquietante" quando "lhe atribuímos más intenções [...] de nos prejudicar [...] se realizando [...] com a ajuda de forças especiais" (p. 362). No passado, essas "forças especiais" podem ter sido interpretadas principalmente como loucura ou possessão demoníaca, mas muitas vezes parecem mais intangíveis e ambíguas na literatura moderna e contemporânea.

A Amiga Genial

O que distingue os trabalhos de Ferrante dos inúmeros romances contemporâneos de *coming-of-age* é precisamente sua representação meticulosa e honesta do desenvolvimento de uma misteriosa identidade feminina dentro de um mundo violento e patriarcal. Em *A Amiga Genial*, Elena Greco – conhecida por Lenu – narra a história de uma amizade arquetípica entre ela e sua melhor amiga, cujas identidades são inseparáveis uma da outra desde a infância, crescendo em uma Nápoles pós-guerra, na década de 1950, e, mais tarde, durante toda a vida adulta.

Este primeiro volume dos romances napolitanos, como vieram a ser conhecidos os quatro volumes da série, traça as vidas de Lenu e Raffaella – chamada por Lenu (e só por ela) de Lila – Cerullo desde a infância até a adolescência. As três sequências narram o restante de suas vidas através do misterioso desaparecimento de Lila em seus sessenta anos. Quando crianças, as duas melhores amigas parecem ser contrastes exatos uma da outra, tanto física quanto socialmente. Lenu é loira, alegre, inocente e adorada, enquanto Lila é morena, perversamente inteligente, determinada e percebida como uma ameaça por outras crianças. O traço comum que as une desde cedo é a excelência de ambas na escola; na verdade, elas são consistentemente consideradas as duas melhores

alunas de sua classe, com Lila sendo a vanguarda. Após a conclusão do ensino fundamental, Lenu tem o raro privilégio de ir para o ensino médio, enquanto a família de Lila não permite o mesmo a ela. No entanto, Lenu continua a considerar Lila uma autoridade quando se trata de assuntos acadêmicos e fica impressionada cada vez que sua amiga prova a superar autodidaticamente ao aprender as línguas italiana, latina e grega.

No prólogo do primeiro livro, quando ela descobre que sua amiga Lila desapareceu, Lenu se dedica, aos 66 anos e agora autora, dispõe-se a escrever esta série de romances para tentar refazer sua amizade. Segundo a filósofa Jeanne Marie Gagnebin,

[...] criar sentido é, portanto, manter esse mundo imediato à distância, criar entre mim e ele um intervalo que dele me afasta, me separa, me corta, mas também me permite nomeá-lo (Gagnebin, 2014, p. 25).

Além de criar sentido do desaparecimento da amiga, mantendo uma distância (na medida do possível, já que Lenu mergulha no passado e na memória para escrever uma autobiografia daquela amizade tão significativa), Lenu deve refazer sua própria identidade, da qual uma grande parte desapareceu junto com sua amiga, deve retratar seus passos, reviver sua inquietude e olhar-se no espelho, em uma tentativa de entender e encontrar Lila. Lenu deve criar sentido de seu passado e do seu laço com a enigmática Lila.

Desde a infância, a identidade de Lenu tem sido moldada e constantemente ameaçada pela de sua melhor amiga; a perda de uma significaria a perda da outra. Em vez de demonstrar a identidade fragmentada de um indivíduo, a escritora Elena Ferrante cria duas protagonistas, nenhuma das quais teria uma história sem a outra; juntando suas identidades, essencialmente fundindo-as em uma. Ferrante intencionalmente pretendia que Lenu, o caráter aparentemente mais convencional e passivo, atuasse como narrador, representando a fachada que as mulheres se sentiam pressionadas a apresentar à sociedade. Por outro lado, porque ela não está narrando, Lila permanece misteriosa, tanto para sua amiga quanto para o leitor. Seu retrato é totalmente dependente das projeções de Lenu, que podem ou não ser confiáveis.

Afinal, é para descobrir os mistérios da psique convoluta de Lila e suas motivações que facilmente tornamo-nos absortos no romance, com Lenu atuando como a única porta de entrada entre sua amiga e o leitor. A questão central em torno das motivações do comportamento misterioso de Lila, narrada por Lenu, e as maneiras como afeta outros personagens do romance, devem ser exploradas. Lila, como é retratada no romance, representa o lado cativantemente complexo, escuro e misterioso da natureza humana com o qual todos nos relacionamos, mas muitas

vezes tentamos nos esconder. Essas duas protagonistas, mais do que um contato entre si física e psicologicamente, possuem identidades que frequentemente se sobrepõem, colidem e se fundem.

Em primeiro lugar, a palavra "amigo" deve ser esclarecida, pois desempenha um papel fundamental na definição das relações entre os protagonistas e suas identidades sobrepostas. Giorgio Agamben, filósofo italiano contemporâneo, examina os usos históricos do termo em seu breve ensaio intitulado "O amigo". Uma das principais definições que Agamben empresta de Aristóteles é a do amigo como essencialmente outro eu, um "alter ego":

O amigo é, por isso, um outro si, um *heteros autos*. Na sua tradução latina — *alter ego* — esta expressão teve uma longa história, que não é aqui o lugar de reconstruir. Mas é importante notar que a formulação grega tem algo a mais do que nela compreende um ouvido moderno. Antes de tudo, o grego — como o latim — tem dois termos para dizer a alteridade: *allos* (lat. *alius*) é a alteridade genérica, *heteros* (lat. *alter*) é a alteridade como oposição entre dois, a heterogeneidade. Além disso, o latim *ego* não traduz exatamente *autos*, que significa "si mesmo". O amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na "mesmidade", um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha existência como doce, a minha sensação é atravessada por um *com-sentir* que a desloca e deporta para o amigo, para o outro mesmo. A amizade é essa des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si. (AGAMBEN, 2009, p. 89-90)

Agamben aponta a natureza da identidade de alguém como sendo constantemente moldada por um amigo próximo e vice-versa. Essa é exatamente a simbiose com a qual Lenu e Lila cresceram, na qual as interações entre si afetam e moldam internamente e reciprocamente. Assim como o inquietante é composto em partes iguais de familiaridade e alteridade, o mesmo ocorre com o conceito de um alter ego. Ao aplicar essa compreensão da amizade como uma porta de entrada para analisar a de Lenu e a de Lila, fica claro que suas identidades podem não apenas ser afetadas umas pelas outras, mas como, também, cada uma delas depende em grande parte da outra.

Fisicamente, Lenu e Lila não poderiam ser mais diferentes, uma situação em contraste com a ideia original do duplo como duas entidades que são fisicamente iguais. Lenu descreve-se em tenra idade como uma menina feliz e simpática, com características de luz:

Eu era uma menina de caracóis louros, bonitinha, feliz de me exibir, mas não insolente, e transmitia uma impressão de delicadeza que enternecia. (FERRANTE, 2011, p. 40)

Ela é doce, inocente, bem quista pelos seus colegas e bem-sucedida na escola, embora sempre segundo a sua melhor amiga. Por outro lado,

O caso de Lila era diferente. [...] Lila era demais para qualquer um. [...] Sua rapidez mental lembrava o sibilo, o bote, a mordida letal. [...] Estava sempre desgrenhada, suja, com cascas de ferida nos joelhos e cotovelos que nunca saravam. Os olhos grandes e vivíssimos sabiam se transformar em fissuras atrás das quais, antes de qualquer resposta brilhante, havia um olhar que parecia não só pouco infantil, mas talvez nem humano. (Ibid, p. 40-41)

O retrato de Lenu de sua amiga como algo *inquietante* começa muito cedo no romance, particularmente com essa descrição de suas extraordinárias habilidades mentais emparelhadas com sua falta de preocupação pela aprovação dos outros. Enquanto Lenu adora ser amada por seus professores e colegas, Lila não demonstra nenhum desejo de se encaixar. De fato, desde o começo, a narração de Lenu é repleta de linguagem emocionalmente carregada e explicitamente descritiva, particularmente em relação à sua amiga. A escolha de palavras como "letal" e "talvez nem humano" adiciona um aspecto ameaçador ao poder distintivo de inteligência de Lila. Em outra entrada do capítulo, ela é descrita como "terrível e fulgurante" (Ibid, p. 39). Através de sua narração, Lenu retrata Lila como o inquietante "alter" de seu próprio "ego".

Bonecas, cores e espelhamento

Dado que o romance começa quando as duas meninas têm cerca de dez anos, pode-se imaginar suas bonecas

como essencialmente os "duplos" com os quais cresceram, a garantia de sobrevivência, como Freud descreveria (FREUD, 2010, p. 352), ou os símbolos de seu narcisismo primário. Além de atuar como *fio condutor* em toda a série de romances, neste primeiro, as bonecas, que espelham cada uma delas respectivamente, marcam um importante paradigma do relacionamento de Lenu e Lila. Não é por acaso que as bonecas das meninas se assemelham aos seus retratos no início do romance. Como Lenu lembra, sua boneca, chamada Tina, "[...] usava um vestidinho azul que minha mãe costurara num raro momento feliz e era linda" (FERRANTE, 2015, p. 22), enquanto Nu, a boneca de Lila "tinha um corpo de pano amarelado, cheio de serragem, e me parecia feia e suja" (Ibid, p. 22). O contraste entre as aparências das protagonistas é enfatizado através de suas bonecas: Lenu é angelical enquanto Lila é profundamente empobrecida e muito menos agradável aos olhos.

Um dia, antes de começarem a conversar, simplesmente brincando no pátio, Lila joga a boneca de Lenu pela janela de um porão escuro, sujo e assustador, adjacente à casa de dom Achille, o vizinho que é tido como o monstro de sua infância. Lenu sente uma quantidade imensa de dor, como afirma,

Para mim a boneca tinha vida [...]. Experimentava uma dor violentíssima, mas sentia que pior ainda teria sido brigar com ela [Lila]. Estava como estrangulada entre dois sofrimentos, um já em ato, a perda da boneca, e outro possível, a perda de Lila. (Ibid, p. 47)

Em uma de suas primeiras interações, a identidade infantil de Lenu já se sente ameaçada pelo pensamento de perder Lila, e ela, portanto, deixa de lado seus próprios sentimentos para imitar a ação jogando a boneca de Lila também.

“O que você fizer, eu também faço”, declarei logo em voz alta [...] (Ibid, p. 48)

Lila evidentemente tem um poder que lhe dá controle sobre Lenu e, embora ela geralmente não seja bem recebida pelos outros, à medida que o romance avança, torna-se evidente que as pessoas mais próximas a ela sucumbem tanto por familiaridade quanto por medo, fazendo dela o epítome do inquietante.

Enquanto as duas garotas, por iniciativa de Lila, subiam os degraus para bater na porta de dom Achille para pedir suas bonecas de volta, Lenu comenta que “para segui-la eu precisava deixar o azulado do pátio e entrar no escuro do portão [...]” (Ibid, p. 20). Para estabelecer sua amizade, Lenu literalmente se afasta da luz, do azulado, a cor segura e familiar que tem sido até então associada a ela, para seguir Lila na escuridão. A interação entre a luz e a escuridão é de interesse pungente em todos os roman-

ces, pois sua distinção torna-se menos intensa do que aparece aqui no começo. No entanto, o significado de Lenu seguir Lila para a escuridão nesta cena inicial, que ela assinala como o início de sua amizade, é simbólico por algumas razões. Por um lado, associa Lila a dom Achille, aproximando-a do reino de alguém que é ameaçador e certamente misterioso. Também estabelece o precedente para sua amizade, na qual Lila lidera e Lenu se sente obrigada a imitá-la, como seu duplo inquietante.

Considerações Finais

O desenvolvimento de Lila é muito parecido com o **inquietante** no modo como ela negocia sua identidade constantemente, alternando entre a afirmação de si mesma como ela é atualmente, e o apagamento desse eu a fim de criar uma nova versão ou um duplo. Esse vai-e-vem é em grande parte devido ao desamparo de sua posição social, como uma jovem mulher de uma família pobre, e faz com que ela apareça ao mesmo tempo familiar e desconhecida - misteriosa - para sua melhor amiga, família e conhecidos, como para nós, leitores. Notamos algo sobrenatural, grande e ameaçador nela, enquanto ao mesmo tempo a reconhecemos como uma jovem que está fazendo o melhor possível para lidar com as reviravoltas da vida. Enquanto a narração de Lenu é parcialmente responsável pela

construção da imagem misteriosa de sua amiga, a personagem de Lila tem uma qualidade única que permite a ela incorporar de forma notável o inquietante.

É precisamente o inquietante, o estranhamente familiar, atraente e repulsivo, que constitui seu apelo para os leitores e a constrói como o personagem mais intrigante do romance. A personagem certamente surge como a mais complexa das duas melhores amigas, com Lenu recuando para o pano de fundo, apesar de ser a narradora da história. Ainda assim, essa dinâmica entre as duas e suas identidades sobrepostas permite que Lila pareça não apenas não convencional e interessante, mas, em última instância, misteriosa.

No romance de Ferrante, no entanto, Lila não é apenas não convencional, mas ela tem um relacionamento profundamente entrelaçado com Lenu que evoca características inusitadas, ou seja, uma complexidade cativante e uma intimidade inata. Aparentemente, elas são opostas: uma é morena e a outra é loira, uma é cruel e a outra é doce - mas em algum lugar entre a narração de Lenu e o comportamento enigmático de Lila, suas identidades ficam profundamente enredadas. Esse colapso das fronteiras traz a inquietação para os leitores, que se sentem inquietos e incapazes de decifrar claramente a posição de Lila na amizade.

Sentimentos inquietantes são, por fim, experimentados em dois níveis neste

romance: tanto pelos próprios personagens quanto pelos leitores. O texto de Ferrante remete-nos à teoria freudiana para problematizar o conceito de uma identidade pessoal fixa e identificável em circunstâncias sociais restritivas. Por sua vez, esse cenário literário obriga os leitores a encarar seus medos e ansiedades inatas em relação ao conceito de identidade que deriva de pensamentos e emoções paradoxais que as protagonistas do romance podem despertar.

O inquietante é não termos certeza das intenções de Lila durante a maior parte do romance, e a maioria das interpretações sobre as ações da amiga vêm de Lenu, nossa narradora, que é parcial em seu próprio estilo e está escrevendo o romance retrospectivamente muitos anos após os eventos. Essa situação nos leva a confundir a personalidade complexa de Lila e sua verdadeira natureza.

O relacionamento de Lenu e Lila também espelha um medo inato ao qual os leitores podem se relacionar profundamente. Esse é precisamente o medo da perda de identidade nas mãos de outros que moldam nosso crescimento como indivíduos. O texto de Ferrante apresenta protagonistas notavelmente identificáveis, nossos olhos se abrem para o reflexo de nossas próprias identidades inquietantes - familiares, mas mutáveis, indefinidas e, de fato, misteriosas.

The Freudian unfamiliar in “A Amiga Genial”, by Elena Ferrante

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: Ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

Abstract

My Brilliant Friend (2015) is the first novel of the Neapolitan tetralogy, a series of contemporary novels written by Elena Ferrante, Italian author who won international criticism. This article aims to analyze the implications of the multiplicity and fragmentation of identity as portrayed in *My Brilliant Friend* (2015), by Elena Ferrante, based on the theory and the concept of “the uncanny” proposed by Freud (1919). We also use the literature by Agamben (2009) and Gagnebin (2014). We use the psychoanalyst’s theory to conduct a different look at the complex and convoluted friendship between Lenu and Lila, a friendship that is the basis of Ferrante’s novel.

Keywords: Uncanny; Freud; *My Brilliant Friend*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O amigo**. In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Argos: Chapecó, 2009.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial**. trad. Maurício Santana Dias. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FREUD, Sigmund. **O inquietante (1919)**. In: Obras completas volume 14: história de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.